

A Descoberta das Frutas

Hernâni Donato




MEMBRAMENTOS

Ilustrações
Mônica Haibara

Coleção
Lendas Indígenas

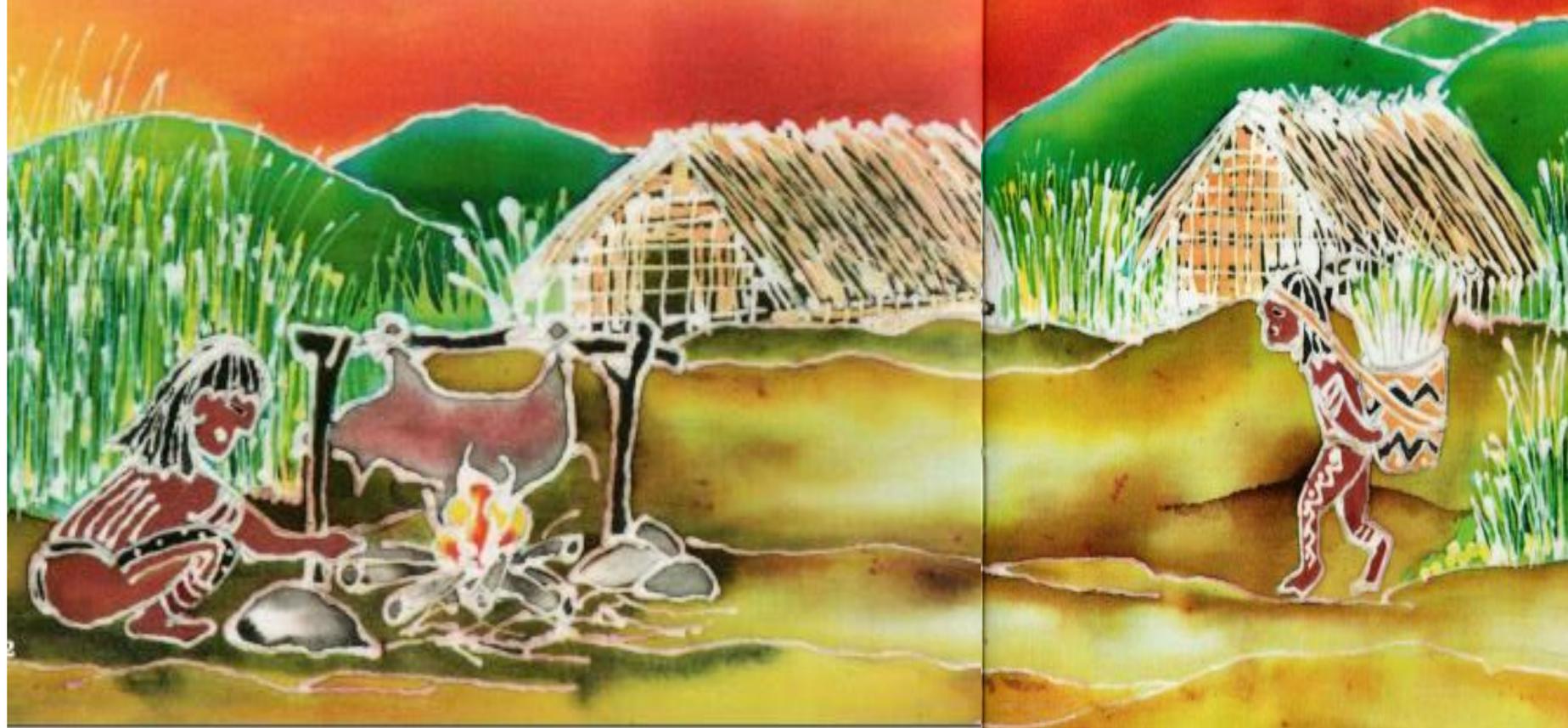
A Descoberta das Frutas

Hernâni Donato

Ilustrações
Mônica Haibara

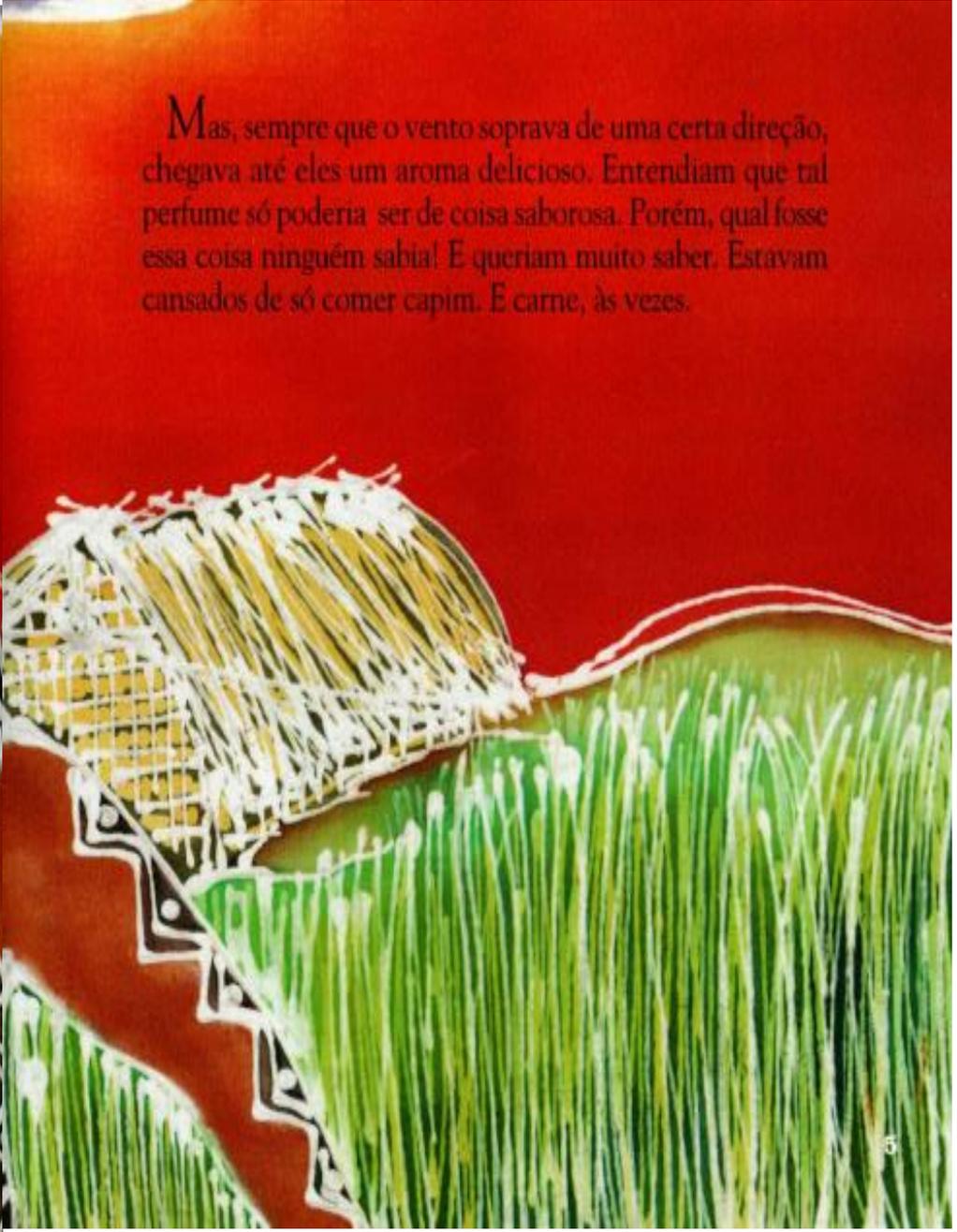

MELHORAMENTOS

Houve um tempo em que os homens não conheciam as frutas. Também não sabiam da existência da mandioca, da batata e do milho. Alimentavam-se de carne e de capim, como viam fazer os bichos.





Mas, sempre que o vento soprava de uma certa direção, chegava até eles um aroma delicioso. Entendiam que tal perfume só poderia ser de coisa saborosa. Porém, qual fosse essa coisa ninguém sabia! E queriam muito saber. Estavam cansados de só comer capim. E carne, às vezes.



Certa ocasião, um caçador foi examinar as armadilhas que havia preparado na floresta e numa delas encontrou, preso na rede, um guabiru, o rato selvagem, que lhe pareceu gordo e bonito. Alegrou-se com o achado:



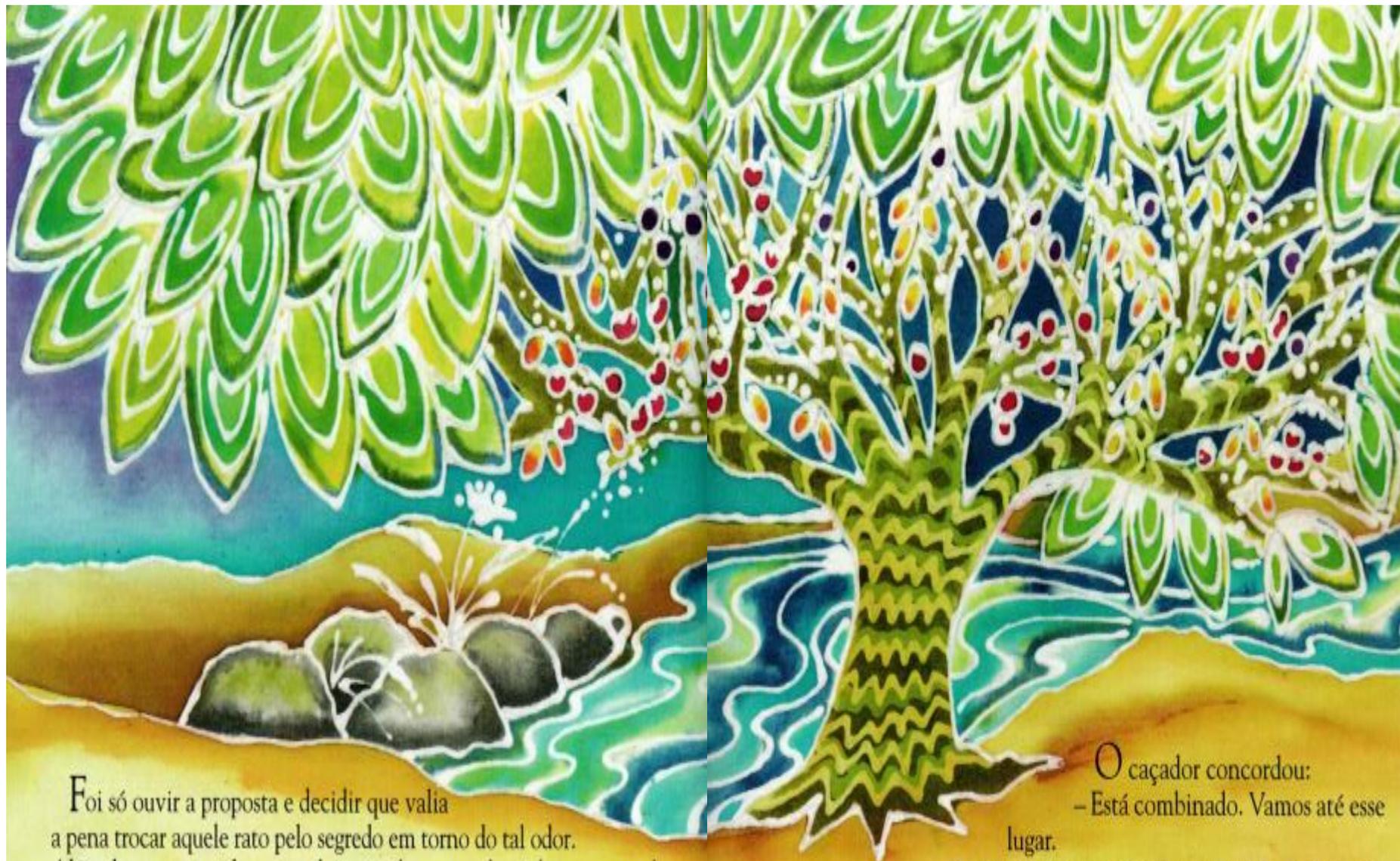
— Oh, isto é muito bom! Esta noite, em vez do capim, que está bastante áspero por causa da falta de chuva sobre o campo, teremos guabiru assado. Todos vão gostar.

O guabiru é que não gostou do que estava sucedendo. Enquanto tratava de encontrar um modo de se livrar daquele apuro, o vento levou até o caçador e a caça aquele cheiro misterioso, mas muito bom. O homem até se voltou para a direção do vento e respirou fundo, com os olhos fechados. Estava encantado!

Percebendo o interesse do seu aprisionador, o guabiru disse ao caçador:

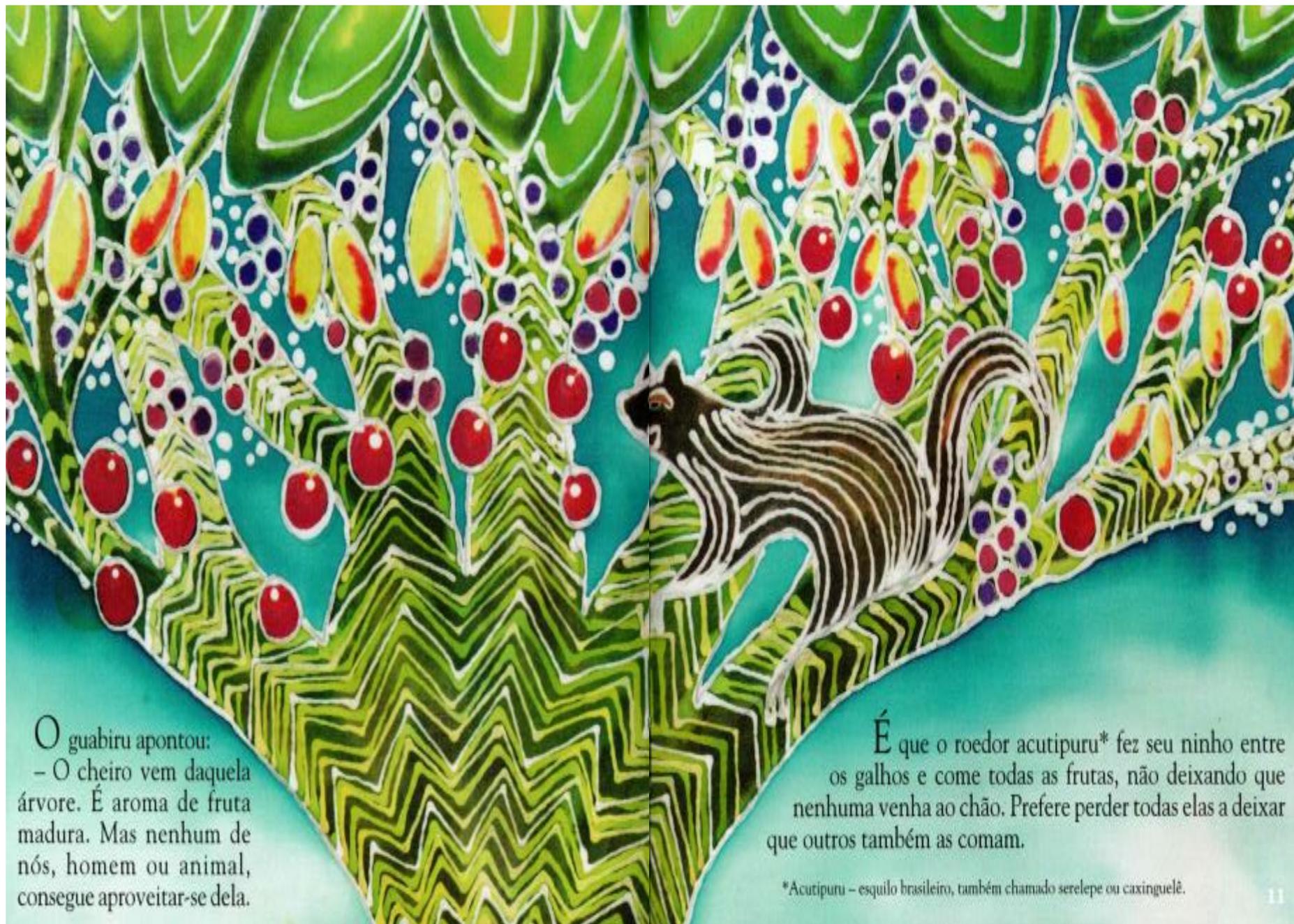
— Se me soltar, vou mostrar de onde vem e do que é esse cheiro tão gostoso.





Foi só ouvir a proposta e decidir que valia a pena trocar aquele rato pelo segredo em torno do tal odor. Além da nova comida, se revelasse à tribo o que ela vinha procurando com muito empenho, daria enorme satisfação não só aos filhos, mas a toda a gente.

O caçador concordou:
– Está combinado. Vamos até esse lugar.
Seguiram por caminho desconhecido dos homens até chegar à margem de um rio. Ali, erguia-se uma árvore frondosa, carregada de várias espécies de fruta.



O guabiru apontou:
– O cheiro vem daquela
árvore. É aroma de fruta
madura. Mas nenhum de
nós, homem ou animal,
consegue aproveitar-se dela.

É que o roedor acutipuru* fez seu ninho entre
os galhos e come todas as frutas, não deixando que
nenhuma venha ao chão. Prefere perder todas elas a deixar
que outros também as comam.

*Acutipuru – esquilo brasileiro, também chamado serelepe ou caxinguelê.

O caçador libertou o guabiru e foi chamar os parentes, amigos e vizinhos para mostrar-lhes de onde procedia o aroma que tanto os atiçava. Quando souberam da gulodice do acutipuru, os homens zangaram-se tanto que resolveram derrubar a árvore. Era a forma de colherem algumas frutas.



E puseram a árvore abaixo.



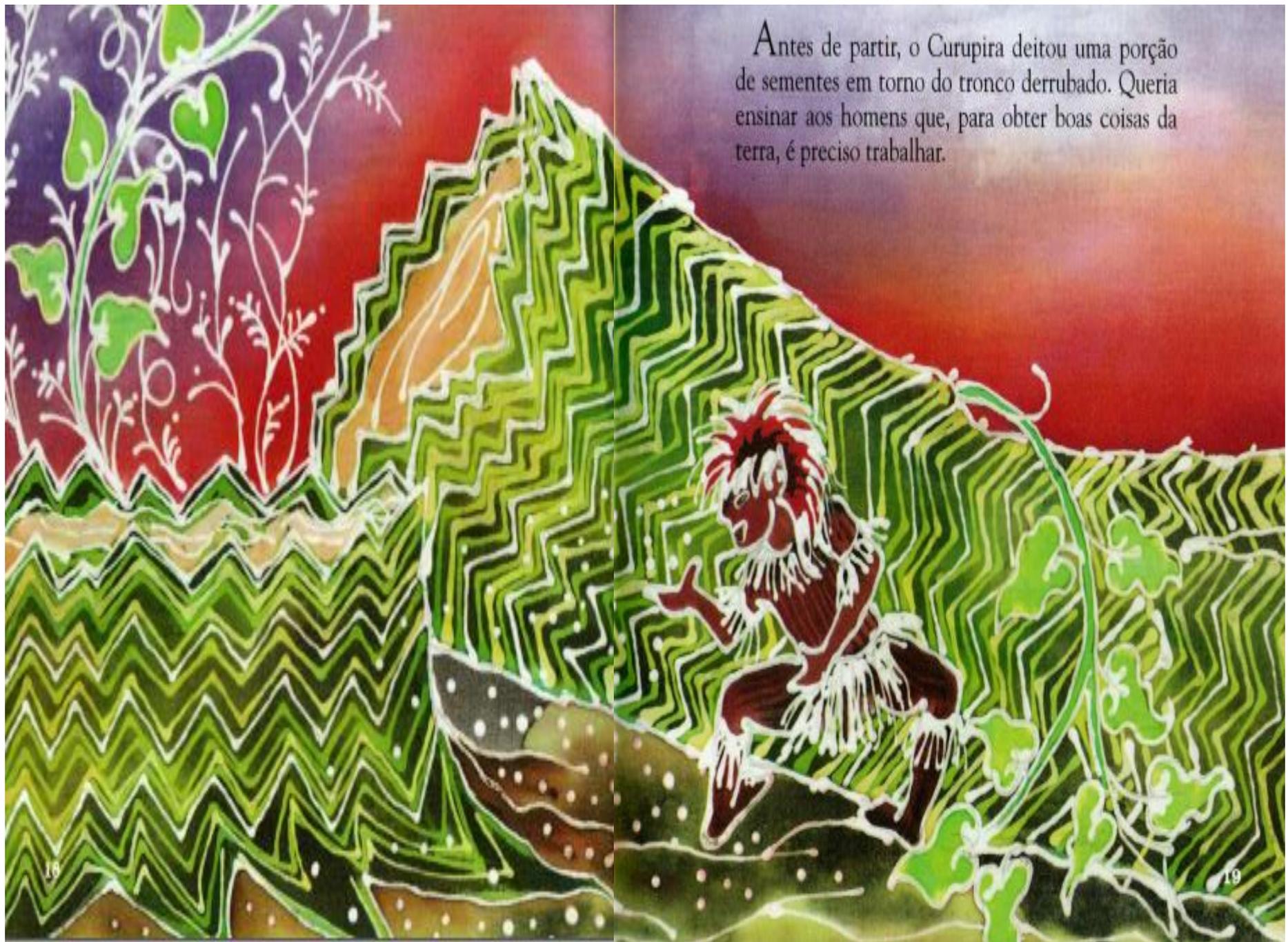
Mas o Curupira*, protetor das árvores e das frutas, aborrecido com a derrubada da maior das plantas da mata, sentenciou:

– Todos procederam mal! O acutipuru, por ser muito guloso, e os homens, por terem cortado a árvore. Em vez de derrubar, devem plantar árvores, exatamente como a natureza faz, o que vou, agora, ensinar a fazer. Não é só colher o que ela dá. É preciso plantar. Dia virá em que sentirão fome e se arrependerão do mal que fizeram. Terão que trabalhar duramente para conseguir frutas com que se deliciar e se alimentar.

* Curupira – figura do folclore brasileiro, com os pés invertidos (o calcanhar para a frente e os dedos para trás).



Antes de partir, o Curupira deitou uma porção de sementes em torno do tronco derrubado. Queria ensinar aos homens que, para obter boas coisas da terra, é preciso trabalhar.





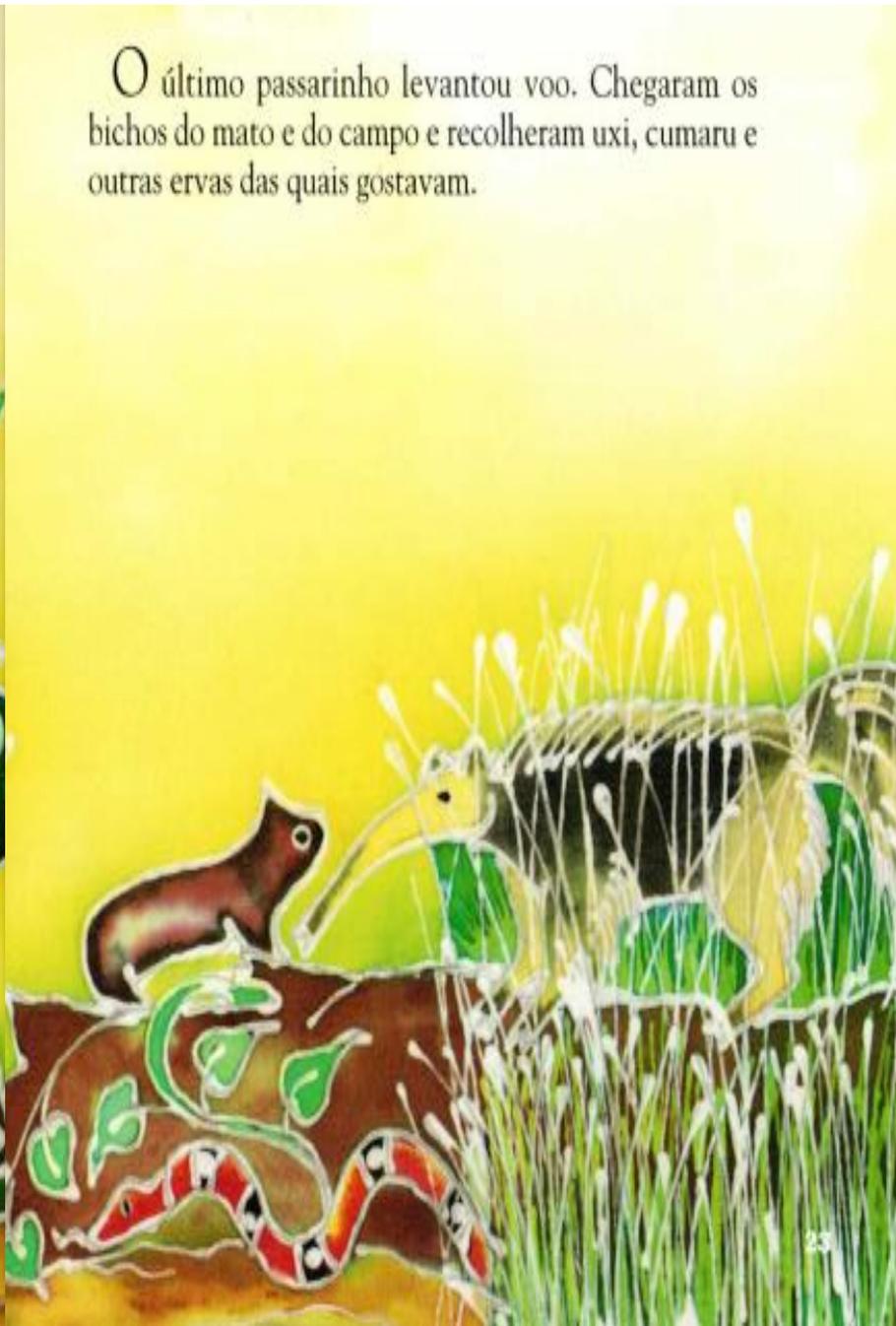
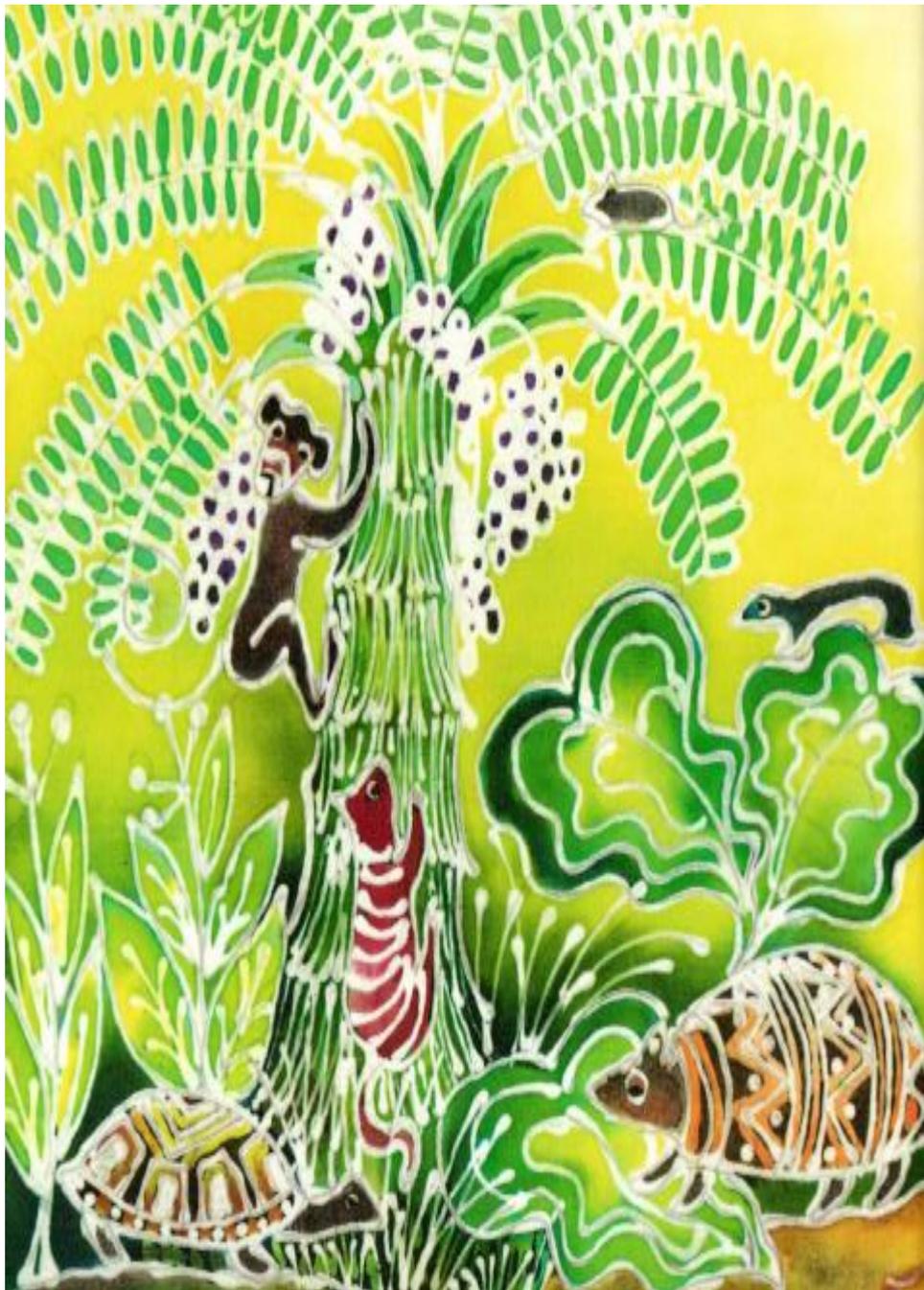
Na manhã seguinte, os homens encontraram entre os galhos da árvore cortada mudas de mandioca, de batata, de cará, de cucura*. Fizeram uma horta, plantaram e, mais tarde, colheram boa comida.

* Cucura – árvore amazônica de frutos suculentos e adocicados, conhecidos como uva-da-amazônia.

Depois deles, os pássaros desceram e se regalaram com açaí, buriti, inajá, patauá, que são frutas das várias espécies de palmeira. É que, em sua inocência e fraqueza, não haviam sido gulosos como o acutipuru nem vingativos como os homens.



O último passarinho levantou voo. Chegaram os bichos do mato e do campo e recolheram uxi, cumaru e outras ervas das quais gostavam.



Desde esse dia, todos ficaram conhecendo as frutas e o jeito de plantar árvores. Mas dizem os carajás que bichos, aves e homens não repartem o que colhem com o acutipuru, culpado pelo malfeito de fazer cortar a árvore-mãe de todas as frutas.



O povo carajá | MAURÍCIO OLIVEIRA

Os carajás se subdividem em três grupos: os carajás propriamente ditos, os xambioás e os javaés. Totalizam, aproximadamente, 2.600 pessoas. Falam a língua carajá, mas entre eles existem dialetos diferentes. Essa língua pertence ao tronco linguístico macro-jê. Os carajás também falam o português, conhecimento necessário ao contato com nossa sociedade.

O termo carajá é de origem tupi. Significa "macaco-grande". Os carajás se autodenominam Iny, que, em sua língua, significa "nós".

Os carajás vivem nas margens do Rio Araguaia desde tempos imemoráveis. Para eles, rio é Berohokã, que significa "água grande". O rio é a sua principal fonte de subsistência. O Araguaia é um rio muito piscoso. Em seu curso localiza-se a Ilha do Bananal, no Estado do Tocantins, considerada pelos carajás o lugar mítico onde se originaram. Nessa região existem duas estações climáticas bem características: os meses de outubro a maio correspondem ao período das chuvas e cheias do Araguaia e seus afluentes; os meses de junho a setembro correspondem ao período da seca.

A tradição cultural dos carajás está estreitamente vinculada ao Rio Araguaia. A vida cotidiana, a plantação, a colheita e a caça, as festas e os rituais sagrados relacionam-se aos períodos de chuva e seca, das cheias e vazantes desse rio.

O primeiro contato com os brancos ocorreu no século XVII. Desde então, e até os dias atuais, os carajás foram obrigados a estabelecer um contato contínuo com nossa sociedade.

A divisão do trabalho entre homens e mulheres é claramente definida. Os homens pescam, preparam as roças, constroem as casas, dirigem os rituais, exercem a liderança política nas aldeias e mantêm os contatos com a sociedade não indígena.

As mulheres são responsáveis pela coleta e preparo dos alimentos, pela educação dos filhos, pela confecção do artesanato. Algumas peças artesanais também são confeccionadas pelos homens. Mas a cerâmica é uma atribuição exclusiva das mulheres. Nos rituais, elas são responsáveis pelo preparo dos alimentos e pela pintura e ornamentação dos membros da comunidade.

Cabe às mulheres realizar os choros rituais quando algum membro da comunidade falece. As mulheres mais velhas têm também o papel de contar as histórias antigas para as gerações mais novas. Elas exercem um importante papel de liderança em relação à família e na solução de conflitos familiares.

A alimentação tradicional dos carajás baseia-se em peixe, mandioca, milho, batata, banana, melancia, feijão, mel e frutos silvestres. Eles preparam roças familiares e comunitárias e realizam pescas coletivas.

O contato com a sociedade não indígena alterou parcialmente os seus hábitos alimentares. Alguns produtos também deixaram de ser plantados. Parte da alimentação é adquirida nas pequenas cidades vizinhas das aldeias.

Atualmente existem escolas indígenas em aldeias carajás que desenvolvem um ensino diferenciado. Alguns jovens procuram as cidades para continuar os estudos, qualificando-se para melhor defender os interesses de seu povo.

Os carajás demonstram uma grande capacidade de resistência cultural, mantendo suas tradições, língua e costumes, apesar de todo o histórico de contatos com nossa sociedade e de manter hoje um relacionamento intenso com não indígenas.

ISBN 978-85-06-06062-9



Coleção Lendas Indígenas

Os contos dessa linda coleção abordam temas importantes da cultura indígena brasileira: a criação dos animais, a descoberta dos alimentos, o controle do fogo, o hábito de plantar mandioca e outras raízes, assim como os costumes e as lendas de várias tribos.

Com esses contos as crianças vão conhecer as tradições e a vida cotidiana dos índios, representadas em belíssimas ilustrações coloridas, especialmente criadas em batique, técnica de pintura em tecido.

Os Meninos Que Se Tornaram Estrelas
A Descoberta das Frutas
As Noivas da Estrela
O Caçador e o Curupira
Por Que o Sol Anda Devagar
A Onça e o Filhote do Vento
Quando os Bichos Eram Gente
A Barca da Tartaruga

